
TENSÕES SOB O GELO: O ROMANCE POLICIAL NÓRDICO CONTEMPORÂNEO

Marcela Miller
Orientadora: Carla Portilho
Doutoranda

RESUMO

Com sua imagem sempre lembrada como países exemplares do bom desenvolvimento do capitalismo, os países nórdicos enfrentam tensões sociais que vêm à tona em episódios violentos muitas vezes tratados na mídia internacional como acontecimentos isolados. A internacionalização do mercado editorial permitiu à literatura policial nórdica revelar ao mundo a real profundidade e extensão das tensões sociais que estes países têm enfrentado, muitas vezes de forma velada, trazendo importantes discussões políticas e ideológicas sobre a eficácia do projeto moderno ao debater questões de gênero, étnicas, de classe, e mesmo acertos de conta históricos envolvendo questões que remontam à Segunda Guerra Mundial. A literatura policial nórdica tem se apresentado como uma forma narrativa capaz de realizar uma revisão crítica do projeto moderno nessas sociedades, cujos rumos vêm sendo colocados em xeque pela insegurança crescente promovida pela falência do Estado de Bem-Estar e pela crise da representação política no contexto do capitalismo tardio e do projeto da União Europeia.

PALAVRAS-CHAVE: literatura criminal, romance policial, países nórdicos.

O título provisório da minha pesquisa de doutorado, iniciada em março deste ano e orientada pela Prof^a. Dr^a. Carla Portilho, é *Qual o crime? Uma investigação acerca da literatura policial e sua ocorrência no Brasil*. A ideia é entender por que razões a literatura policial brasileira não consegue formar uma linhagem na qual autores se influenciem, formem “famílias”, construam séries de sucesso, e dialoguem com a sociedade brasileira. A hipótese é que estamos desenvolvendo uma outra tradição para retratar a complexidade da criminalidade e da violência numa sociedade perversa como a nossa.

Parece impossível negar a centralidade do crime na vida ocidental contemporânea, uma vez que ele aparece como a preocupação central dos cidadãos, da mídia, dos políticos, e mesmo do entretenimento (KIDD-HEWITT & OSBORNE, 1995, p. ix), hoje abarcando livros, filmes, séries de TV e games. Para ficarmos só na literatura, o velho ditado que diz que “o crime não compensa” parece não se aplicar aqui: estamos falando de todo um gênero de ficção que tem o crime por base (SCAGGS, 2005, p.1), e que perdura há mais de um século e se espalhou pelos quatro cantos do planeta (e, em alguns casos, bem antes da afirmação dos processos históricos de globalização e mundialização). Segundo o crítico Peter Messent “a enorme popularidade do gênero nos dias atuais é a medida de sua importância cultural e de sua influência” (MESSENT, 2013, p. Nota introdutória) e, por isso, interessa saber “como o gênero opera e quais as questões culturais que ele abarca” (MESSENT, 2013, p.11) e suscita, pois a essa expansão geográfica do gênero corresponde um alargamento dos temas abordados, que passam a abranger hoje inúmeras das questões atinentes ao mundo contemporâneo, permitindo que seus leitores se confrontem com suas preocupações sociais e ansiedades mais profundas, como aquelas envolvidas nas discussões de raça, classe ou gênero, ou ainda referentes a temas como terrorismo, genética, poder, fama, corrupção, empresas transnacionais, mercado financeiro, tráfico de pessoas, drogas etc.

É lugar comum entre os estudiosos do gênero atribuir seu nascimento às histórias do detetive Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe. De lá para cá, essa literatura que envolve um crime, alguém que o investiga e o processo de sua investigação tomou inúmeras diferentes formas, mas tem provado impressionante longevidade. Assim, o que vemos é um gênero que se configurou historicamente como uma forma ficcional extremamente popular e com alta capacidade de envolvimento de seus leitores em

termos de estrutura narrativa. Mas se a grande maioria deste público se detém nas engrenagens mais básicas dessa estrutura – Quem é o criminoso? Ele será punido? –, é na ressonância social das questões mais profundas que ele toca que reside a importância cultural do gênero. (MESSENT, 2013, p. 08)

No entanto, o imenso sucesso do gênero por todo o mundo parece não se repetir na mesma proporção no Brasil. É curioso que o gênero alcance enorme popularidade em países com baixos índices de criminalidade, como no caso dos países nórdicos, e seja tão pouco representativo num país cujo número anual de homicídios beira 50.000¹. Por outro lado, o Brasil tem apenas 10% de seus homicídios solucionados, índice atribuído à quase total ausência de trabalho de investigação por parte da polícia. Assim, um gênero baseado na figura de um investigador e no processo de investigação talvez perca leitores entre nós por soar como uma importação sem sentido, um estrangeirismo sem relação com a realidade local. Além disso, vivemos num país que nutre uma certa dose de admiração por quem burla a lei e se safá, como é usual entre os ricos e poderosos, sempre acima da lei.

Por tudo isso, o relativo baixo desempenho da literatura policial no Brasil constitui um paradoxo que não pode deixar de ser investigado. O surgimento de cada autor é celebrado como um “novo nascimento” da literatura policial brasileira. Nomes como Isaías Pessotti, Joaquim Nogueira e Luiz Alfredo Garcia Roza passaram por isso. Mas, mesmo com a consolidação do delegado Espinoza de Garcia-Roza numa longa série de livros iniciada nos anos 1990, como diz o autor Rafael Montes no blog da editora Companhia das Letras, “ainda é pouco. Existe um ambiente propício para a consolidação de uma literatura policial brasileira, mas tudo é muito disperso e frágil”.

Ocorre que em vários lugares do mundo, como bem coloca o escritor norte-irlandês Adrian McKinty, é na seção de *crime fiction* que o leitor “pode encontrar romances que falam sobre o local de onde ele vem e sobre sua vida – ou a vida que ele teria caso a má sorte cruzasse seu caminho”. Para Mc Kinty essa tomada de posição por parte dos autores de *crime fiction* seria determinante do seu sucesso no mercado editorial. McKinty aponta para uma aproximação bastante pertinente entre a *crime fiction* atual e o romance de costumes.

¹ 47.707 homicídios em 2007, segundo dados do United Nations Office on Drugs and Crime, in: http://www.unodc.org/documents/lpo-brazil/Topics_crime/Dados/Numero_e_taxa_de_homicidios_no_Brasil_PT.pdf

É esse alcance temporal e geográfico de que falei aqui, associado a essa forma de falar a muitos que McKinty destaca, que faz com que a literatura policial se debruce sobre temas extremamente atuais, que tornam o gênero digno de nota ao se configurar como um discurso privilegiado para análise do embate entre aquilo que dizemos e acreditamos e as estruturas e relações de poder nas quais estamos inseridos, ou, mais precisamente, para a análise disso que Terry Eagleton definiu como ideologia² (EAGLETON, 1996, p.13).

Para começar a entender as razões desse relativo fracasso (notem bem, relativo se pensarmos não só em função das vendas da literatura policial local ou estrangeira no Brasil, mas também em relação às vendas de livros em geral no mercado editorial brasileiro), eu decidi começar por investigar uma literatura policial que explodiu em vendas não só em seus mercados locais como também em todo o mercado de língua inglesa. Cabe notar aqui que as vendas de ficção traduzida no Reino Unido, por exemplo, correspondem a menos de 5% do total. A literatura policial nórdica³, por exemplo, tem demonstrado – desde os suecos Maj Sjöwall e Per Wahlöö, nos anos 1970, até as dinamarquesas Lene Kaaberbøl & Agnete Friis, já nos anos 2000 – seu poder em dar conta dos mais profundos anseios destas sociedades, a saber, a falência dos mais eficientes Estados de bem-estar social que o capitalismo produziu.

Para entendermos a literatura policial nórdica, convém traçar sua linhagem. Em sua maioria, as obras da literatura policíicas desses países se enquadra no subgênero *police procedural*, que surge após a 2ª Guerra Mundial e tem no norte-americano Ed McBain um de seus precursores, com as histórias da 87ªDP, situada na cidade fictícia de Isola (o primeiro livro é de 1956). O casal sueco Maj Sjöwall e Per Wahlöö traduziu várias destas histórias para o sueco na primeira metade dos anos 1960, e, em 1965, lançam *Roseanna*, escrito pela dupla, e que inicia uma série de 10 livros com o Inspetor Martin Beck e sua equipe de investigadores da polícia de Estocolmo. Praticamente todos os autores atuais da literatura policial escandinava reconhecem a influência de Sjöwall e Wahlöö em suas obras.

² No original em inglês: “By ‘ideology’ I mean, roughly, the ways in which what we say and believe connects with the power-structure and power-relations of the society we live in.”

³ Ainda que seu sucesso no mercado de língua inglesa tenha levado à criação do termo ScandiCrime, preferi referir-me aos países nórdicos, ao invés de escandinavos e, desta forma, englobar a produção da Finlândia e da Islândia.

Subgênero posterior ao *hard-boiled*, o *police procedural* tira o foco do investigador particular e privilegia o trabalho coletivo de investigação de uma equipe de investigadores que integra a força policial do Estado. Vários críticos veem nesta mudança uma busca por mais realismo – exatamente como Raymond Chandler dizia a respeito da literatura *hard-boiled* em relação aos mistérios da Era de Ouro. Ainda assim, todos têm um personagem em torno do qual a investigação se estrutura.

A grande contribuição de Sjöwall e Wahlöö é não só retratar o crime como uma ocorrência cotidiana na grande cidade, mas, principalmente, retratar o crime como uma decorrência das tensões da vida moderna. *Roseanna* (1965) trata do assassinato de uma turista americana e aborda as tensões que surgem do choque cultural que a situação propicia, além das tensões entre gêneros que se acirra com as mudanças de comportamento trazidas pelo pós-guerra. A narrativa permite uma dura crítica à instituição policial e às demais burocracias estatais relacionadas, como o serviço social, assim como torna possível tratar das relações entre os diversos policiais que trabalham juntos e de seus dramas pessoais.

Para Sjöwall e Wahlöö, o gênero serve às suas aspirações de crítica ao Estado de Bem-Estar sueco defendido pela social-democracia que governou a Suécia do início dos anos 1930 a meados dos anos 1970. O principal objetivo da social-democracia seria promover a justiça social dentro de um sistema capitalista, utilizando-se de regulação econômica e tributária para gerar uma distribuição de renda mais equitativa. Para Sjöwall e Wahlöö, de inspiração marxista-leninista, a social-democracia mascara uma subserviência reacionária ao capitalismo, assim como o caráter fascista do Estado de Bem-Estar. Assim, ambos colocam em xeque a crença de que a literatura policial seria alienada e escapista. E criam uma tradição que irá perpassar toda a linhagem de escritores nórdicos.

Já a Suécia dos anos 1990 de Henning Mankell e seu investigador Kurt Wallander é marcada por famílias com profundos traumas psicológicos e revela os males que o nacionalismo exacerbado causa ao tecido social. Os livros de Mankell são marcados por uma contundente consciência social que coloca a Suécia como metonímia da civilização ocidental. Já Hakan Nesser contrapõe à mensagem política e social de Mankell uma discussão sobre a condição humana. Mas se em Mankell os personagens são constantemente assombrados por seu passado, também o passado da sociedade sueca coloca questões difíceis de serem encaradas. A autora Asa Larsson aborda a

simpatia dos suecos pelo nazismo durante a 2ª Guerra, tema que será abordado também por Stieg Larsson em *Os homens que não amavam as mulheres*, primeiro livro da trilogia *Millenium*, que lhe garantiu a façanha de se tornar o primeiro autor a vender acima de um milhão de cópias eletrônicas na Kindle Store da gigante das vendas virtuais Amazon (MESSENT, 2013, p.04).

O assassinato do Primeiro Ministro Olof Palme, em 1986, aparece na trilogia, assim como no primeiro romance do criminologista Leif Persson, afinal foi um crime traumático para a sociedade sueca e que ainda permanece sem solução. Para muitos suecos, representou o fim de um sonho e a constatação de que a “sacrossanta” Suécia não estava acima da agonia dos demais países (FORSHAW, 2012, loc 1166).

Entre os noruegueses, cabe a Jo Nesbo realizar essa revisão do passado. Em *The Redbreast* (2000), o protagonista Harry Hole, é um investigador alcoólatra e depressivo, com problemas com a autoridade, mas que conta com um pequeno grupo fiel em seu departamento. Ao ser designado para acompanhar círculos neo-nazis de Oslo, Hole se vê em meio a uma investigação de assassinato que revela um capítulo da história nacional que não se encaixa no mito ainda acalentado de que a população norueguesa lutou ombro a ombro contra os nazistas: um grupo de veteranos que lutou ao lado dos Nazistas. Nesbo acaba por demonstrar o quanto a história, especialmente a história de um período de guerra, é um processo de construção complexo no qual eventos e motivos estão com frequência localizados numa zona de moral turva ou mesmo opaca.

Já a menos liberal Islândia conta com a figura de Arnaldur Indridasson para criar uma atmosfera sombria – toda a literatura nórdica tem no clima quase que um personagem secundário – por onde circulam os investigadores Erlendur, Elinborg e Sigurdur. Em *The Draining Lake*, um terremoto revela um cadáver antigo que parece ter sido assassinado. Rapidamente o trio percebe a ligação do crime com a Guerra e cidadãos íntegros tem um passado sujo a ser revelado. Outros aspectos pouco fotogênicos da sociedade islandesa são a violência doméstica, o ressentimento entre as famílias e o alcoolismo.

Quanto à Finlândia, há uma forte e antiga tradição do gênero que remonta ao século XIX (FORSHAW, 2012, loc 2940). E também ali o gênero nos leva de volta à 2ª Guerra Mundial, e terá que lutar uma batalha contra a influência russa, muito controversa na região, e que replica a questão da inserção ou não do país no grupo

escandinavo. E há também o fantasma da independência recente, que coloca sérias questões acerca da identidade nacional. Outro problema abordado, por exemplo, na obra da autora Leena Lehtolainen, com sua personagem, a policial feminina Maria Kallio, é a violência contra as mulheres. É recorrente a presença de russas ou demais mulheres do Leste Europeu como prostitutas, muitas vezes escravizadas, e o contexto é usado para falar da falência do Estado na proteção à mulher (ARVAS, 2011, p.120)

Um dos escritores de literatura policial de maior vendagem é o dinamarquês Jussi Adler-Olsen, que aborda temas caros à Copenhague: violência das gangues, prostituição, pobreza e problemas com drogas. Seus personagens são “indivíduos corruptos, párias sociais, psicopatas manipuladores” (FORSHAW, 2012, loc 3301). Já nas histórias recentes das dinamarquesas Lene Kaaberbøl & Agnete Friis, a enfermeira da Cruz Vermelha Nina, já inserida no contexto de abertura dos países escandinavos à imigração – algo bastante recente em comparação com os países europeus ligados ao colonialismo, como França e Reino Unido –, tem que lidar com preconceitos “raciais” e de gênero que revelam tensões significativas daquelas sociedades.

Uma das principais características da literatura policial nórdica é sua adesão à crítica social, seguindo uma tradição central à arte escandinava como um todo (FORSHAW, 2012, loc 3301) e colocando essa literatura de fato como tributária dos suecos Sjöwall e Wahlöö . E embora os crimes representados não correspondam aos índices de violência local, eles são representativos de um sentimento de insegurança que tem perpassado toda a sociedade. Além disso, a literatura policial da região parece responder aos anseios e angústias do corpo social, perdido em meio a relações familiares despedaçadas, sérios problemas com depressão, álcool e drogas, choques culturais e tradições esgarçadas. Em contrapartida, se os detetives obtêm sucesso em sua luta para reestabelecer alguma ordem ainda possível, eles raramente têm sucesso em relação a suas vidas pessoais, sonhos e esperanças. Para Forshaw, esse paradoxo na ficção criminal contemporânea torna-se central no caso da ficção nórdica.

Se a ficção criminal nórdica tem obtido sucesso na derrubada de mitos calcados nos altos padrões de vida da região, suas altas taxas de educação e nas conquistas do Estado de Bem-Estar, ainda nos falta marcar as diferenças históricas e culturais entre os países que integram a região de forma que seus desafios possam ser melhor compreendidos. Talvez a maior contribuição desses autores seja derrubada da noção de literatura policial como uma literatura escapista, calcada na estrutura da consolação,

reforçando o potencial crítico do gênero. Entender como essa literatura opera em relação às expectativas e angústias mais profundas de suas sociedades talvez nos aponte caminhos para que entendamos por que razões nossa literatura policial não consiga se engajar com as profundas questões que envolvem a criminalidade na sociedade brasileira.

O caminho é analisar as razões do que é dito, por que razões é dito desta forma determinada, nestas dadas circunstâncias. Por ser um gênero de literatura de massa, sujeito a pressões mercadológicas e a convenções anteriormente determinadas, o caráter ideológico do romance policial acaba ressaltado, seja para atuar no sentido de naturalizar as relações de força da sociedade – acusação que pesou por muito tempo sobre o gênero – ou no sentido de desvelá-las e colocá-las em xeque, como fazem os autores nórdicos.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. 2nd edition, Oxford: Blackwell Publishing, 1996. PDF Format.

FORSHAW, Barry. *Death in a Cold Climate: a Guide to Scandinavian Crime Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2012. MP PDA Format.

KIDD-HEWITT, David & OSBORNE, Richard (1995). *Crime and the Media: The Post-Modern Spectacle*. London: Pluto Press.

MCKINTY, Adrian. "Crime Fiction: The New Punk?" In: *The Guardian, Books Blog*, 4 jun 2013. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/booksblog/2013/jun/04/crime-fiction-new-punk-literary-novels>. Acesso em 20 mai.2015.

MESSENT, Peter. *The Crime Fiction Handbook*. Chichester/Malden: Wiley-Blackell, 2013. MP PDA Format.

MONTES, Rafael. "Cadê a literatura policial brasileira?". In: *Blog da Companhia das Letras*, 6 fev 2014. Disponível em <http://www.blogdacompanhia.com.br/2014/02/cade-a-literatura-policial-brasileira/>. Acesso em 20 mai.2015.

NESTINGEN, Andrew & ARVAS, Paula. *Scandinavian Crime Fiction*. Cardiff: University of Wales Press, 2011.

SCAGGS, John. *Crime Fiction*. London/New York: Routledge, 2005.